19.IV.59

MICROSCÓPIO

Crítica Arrasadora

Raul Pilla

O EMINENTE senador Lourival Fontes proferiu, há dias, um grande discurso, em que faz uma crítica autorizada ao presidencialismo. Não se limitou êle a considerar o presidencialismo brasileiro, ou, ainda, o latino-americano. Não, o que êle fêz foi a crítica do sistema, exercendo-a sôbre o seu paradigma, o presidencialismo norte-americano, e não apenas sôbre as suas tristes degenerações ibéricas.

Ouçamos-lhe algumas palavras, a título de demonstração. «E' muito difícil explicar e definir os podêres dimensionais da Presidência da República como instituição. E' a maior soma de podêres sôbre os ombros de um simples mortal. E' um quase ditador, mais que um aprendiz de ditador. A sua fôrça é decisiva internacionalmente e muitas vêzes de importância planetária. Não é um presidente, monarca sem majestade, o objeto da reverência, a decoração da autoridade, o símbolo de comando. Êle é, nos seus tons lúgubres, nos seus exageros mavórticos, a representahção e a personificação da própria pátria.

«No exercício das suas funções solenes ou sagradas é ajudado por um gabinete que se move à sua vontade. O gabinete presidencial é uma aparência de instituição sem nenhuma consagração constitucional. Não é uma entidade coletiva, nem uma fôrça isolada, nem uma responsabilidade unitária, nem uma expressão corporativa. Não têm os ministros capacidade de iniciativa, ou direito de consulta e, muito menos, o poder de rejeição. Nas dimensões de fôrça, nos testes de luta, nos objetos conclusivos, não é o presidente forçado a fazer ou deixar de fazer, porque só êle existe, só êle ouve as vozes do mistério, só êle se banha nas águas da transcendência, porque só êle tem o direito de ficar e os outros o incômodo indesejável de sair.

«Na sua figura constitucionalmente poderosa só tem limitações verdadeiras no fim indesejável do mandato, numa revolução sempre incubada e desejada, na presença incômoda dos titulares da Guerra que são eternos aspirantes, ou na realidade conspiratória da impotência do vice-presidente, que é também a excelência supérflua e inconfortável».

Êstes são apenas trechos destacados do grande discurso proferido no Senado. E muitos outros haveria ainda que citar. Mais arrasadora não poderia ser a crítica do presidencialismo. Entretanto, notou em aparte o senador Mem de Sá que o orador parecia não tirar nenhuma conclusão lógica e necessária do seu discurso, o que êste confirmou, dizendo que sòmente analisava os males e ao seu colega caberia dar o remédio. Fêz como certos médicos ilustres, que entendem cumprida a sua tarefa, quando chegam a firmar o diagnóstico.

Mas seria injusto pensar que o sr. Lourival Fontes se refugie na inação. «Estas palavras são ditas — termina êle a sua oração — como certezas e como verdades nas aproximações de uma eleição presidencial. Não nos enganemos, nem nos iludamos com as novas promessas, as insistentes suspeições e as latentes perplexidades. E' preciso corrigir os erros, mudar os itinerários e orientar a política sem crer na fatalidade das desgraças, nos pregões dos milagres impossíveis ou no sabor das esperanças frustradas!»

Comece, pois, o ilustre senador por atender ao seu próprio apêlo e venha ajudar-nos a substituir pelo seu contrário êste sistema condenado. Se o presidencialismo é, como ninguém pode duvidar, o que diz no seu discurso, negação dêle não pode deixar de ser o parlamentarismo, que sòmente um perigo apresenta — o de vir demasiado tarde.